

Revista Eletrônica Antiguidade Clássica – No. 002/ Semestre II/2008/pp.38-51 Aspecto verbal em Varrão

GIOVANNA MAZZARO VALENZA

Mestranda em Letras – UFPR / Bolsista CNPQ

giovanna_valenza@yahoo.com.br

Introdução

Marco Terêncio Varrão (116-27 a.C.) foi o primeiro gramático latino cujo texto chegou até nós. De sua obra *DE LINGVA LATINA*, conhecemos somente seis dos 25 livros originais. Três deles tratam de etimologia (V-VII) e três de morfologia (VIII-IX). Nestes, Varrão discute as teorias dos defensores da analogia e anomalia, e chega à conclusão de que ambos os princípios existem conjuntamente, pois decorrem do uso, não havendo, portanto, necessidade de seguir somente um deles⁽¹⁾. É a partir daí que o autor estabelece a diferença entre *declinatio uoluntaria*, que corresponde ao que conhecemos hoje por derivação e *declinatio naturalis*, que entendemos como flexão. Varrão argumenta que, “na declinação voluntária há anomalia, e na declinação natural mais analogia”⁽²⁾, já que a primeira é resultado da vontade de cada indivíduo⁽³⁾ e a outra é baseada no senso comum⁽⁴⁾.

É na obra de Varrão que encontramos também a clássica divisão das partes do discurso, baseada na flexão das palavras:

Palavras com flexão de caso	Nomes
Palavras com flexão de tempo	Verbos
Palavras sem flexão de caso e tempo	Advérbios
Palavras com flexão de caso e tempo	Particípios ⁽⁵⁾

Nas palavras de Varrão,

“a seguir falarei o que é relativo às partes individuais da oração. Visto que são muitas as divisões existentes, eu agora estabelecerei preferencialmente aquela em que a oração é dividida em quatro partes, segundo sua natureza: a que tem caso, a que tem tempo, a neutra⁽⁶⁾ e a que tem ambos. Alguns

chamam essas partes de *appelandi* ‘para nomear’, *dicendi* ‘para dizer’, *adminiculandi* ‘para auxiliar’ e *iungendi* ‘para juntar’. Como exemplos da parte que se usa para nomear, temos *homo* ‘homem’ e *Nestor* ‘Nestor’; da parte que se usa para dizer, temos *scribo* ‘eu escrevo’ e *lego* ‘eu leio’; daquela parte que se junta, temos palavras como *scribens* ‘aquele que escreve’ e *legens* ‘aquele que lê’ e da parte que se usa como auxílio, temos palavras do tipo *docte* ‘sabidamente’ e *commode* ‘convenientemente’.(⁷)

Aspecto: a teoria de Varrão

Outra noção relevante apontada por Varrão em sua obra é a de aspecto, parte de seu estudo que tentarei explorar neste artigo. Ele é o primeiro autor latino a tratar do assunto, retomando a divisão estabelecida pelos estóicos entre ação acabada (□□□□□□□□) e ação inacabada (□□□□□□□□). Tal divisão, curiosamente, não é encontrada na *Téchnē grammatikē* de Dionísio Trácio, obra chave para se estudar o DE LINGVA LATINA, já que Varrão adapta várias idéias da primeira gramática grega para o latim.(⁸)

Segundo Robins (1983, p. 40),

No estudo das categorias do verbo, Varrão demonstrou simpatia pela doutrina dos estóicos, que distinguiram as referências temporais e aspectuais. Em sua análise das formas verbais ativas e passivas do modo indicativo, considerou como básica a divisão em aspecto completo e aspecto incompleto, tendo em vista que as formas com o mesmo valor aspectual possuíam o mesmo tema, sendo que na voz passiva as forma de aspecto conclusivo eram constituídas de duas palavras. A maioria das pessoas, porém, afirma Varrão, erroneamente só levaram em conta a dimensão temporal.

O latim apresenta dois aspectos verbais, o *infectum* (lit., ‘não feito’) e o *perfectum* (lit., ‘feito por completo’), enquanto no grego antigo havia, além desses, o aoristo (aspecto zero).

O autor latino, ao contrário dos gramáticos gregos e de seus sucessores latinos, enfatiza a importância de reconhecer o aspecto nos verbos.

“Segundo Varrão, a característica mais importante a estabelecer no verbo não é tanto o tempo e sim a duração, isto é, a oposição entre o *infectum*, que

expressa uma ação inacabada, e o *perfectum*, que indica uma ação terminada, tanto na voz ativa como na passiva”. (CORADINI, 1999, p. 498)

Para Varrão, há analogia nesses verbos:

Quem é tão atrasado que não observou também semelhanças que usamos nos comandos, as que usamos nos pedidos, nas perguntas, nas coisas não acabadas e nas coisas acabadas e semelhantemente nos outros grupos de palavras?(-.)

Quando Varrão fala em ‘comandos’ e ‘pedidos’, está tratando do modo imperativo, mas sem usar essa nomenclatura. Ao lembrar da analogia nas perguntas, está se referindo às formas usadas para interrogações – como, por ex., a partícula *-ne*, utilizada na palavra em que se quer dar ênfase, a qual vem sempre em primeiro lugar na frase: *amasne puellam?* ‘você ama a menina?’ ou *puellamne amas?* ‘é a menina que você ama?’. E quando diz ‘coisas não acabadas e coisas acabadas’, está tratando, é claro, dos aspectos *perfectum* e *infectum*, respectivamente.

O esquema proposto pelo autor para dividir os seis tempos verbais segundo o aspecto é o seguinte (*De ling. Lat.* X, 48⁽¹⁰⁾):

Tempos do <i>infectum</i>		
Tempo	Voz ativa (exemplo)	Voz passiva (exemplo)
Imperfeito	<i>tundebam</i> ‘eu golpeava’	<i>amabar</i> ‘eu era amado’
Presente	<i>tundo</i> ‘eu golpeio’	<i>amor</i> ‘eu sou amado’
Futuro	<i>tundam</i> ‘eu golpearei’	<i>amabor</i> ‘eu serei amado’

Tempos do <i>perfectum</i>		
Tempo	Voz ativa (exemplo)	Voz passiva (exemplo)
Mais que perfeito	<i>tutuderam</i> ‘eu golpeará’	<i>amatus eram</i> ‘eu tinha sido amado’
Perfeito	<i>tutudi</i> ‘eu golpeei’	<i>amatus sum</i> ‘eu fui amado’
Futuro do perfeito	<i>tutudero</i> ‘eu terei golpeado’	<i>amatus ero</i> ‘eu terei sido amado’

Varrão propõe uma divisão que outros gramáticos não reconhecem. A divisão entre tempos do *perfectum* e do *infectum* corresponde à diferença encontrada nas raízes desses grupos de verbos. No latim, é extremamente fácil perceber que há essa diferença, e os estudantes de latim devem, inclusive, memorizar os dois radicais para conjugar um verbo em qualquer tempo. O autor latino reconhece, sobretudo, que há analogia nos aspectos.

Notemos a presença dos dois radicais em exemplos apontados por Varrão no livro IX, em que defende a existência do princípio da analogia, rebatendo os comentários dos anomalistas.

Primeiro, quanto a eles dizerem que as analogias não são preservadas nos tempos, pois dizem *legi* (eu li), *lego* (eu leio), *legam* (eu lerei) e da mesma forma outros verbos, pois quando dizem ser um erro que *legi* significa uma coisa terminada, e as outras duas, *lego* e *legam*, coisas começadas, tratam do assunto usando exemplos errados, já que o mesmo verbo que é extraído do mesmo grupo e da mesma divisão pode ser transferido pelos tempos do *infectum*, como *discebam* (eu aprendia), *disco* (eu aprendo), *discam* (eu aprenderei), e os mesmos tempos do *perfectum*, como *didiceram* (eu aprendera), *didici* (eu aprendi), *didicero* (eu terei aprendido). Por causa disso, pode-se saber que existe a sistematicidade dos verbos, mas aqueles que querem pronunciar os verbos nos três tempos fazem isto de modo ignorante.⁽¹¹⁾

Varrão reconhece, no trecho acima, a existência dos três tempos do *infectum* – imperfeito (*discebam*), presente (*disco*) e futuro (*discam*) – e dos três tempos do *perfectum* – mais que perfeito (*didiceram*), perfeito (*didici*) e futuro do perfeito (*didicero*) –, ao contrário do que defendem os anomalistas quando apresentam só três tempos: *legi* como tempo (perfeito) do *perfectum* e *lego* e *legam* como tempos (presente e futuro) do *infectum*.

O verbo citado por Varrão tem um radical para os tempos que denotam ações inacabadas (*disc-*) e outro para os tempos que denotam ações acabadas (*didic-*). Tal diferença de radical também se verifica nos exemplos de formas passivas citados pelo autor:

Da mesma forma, aqueles que criticam porque dizemos *amor* (eu sou amado), *amabor* (eu serei amado), *amatus sum* (eu fui amado, pois não deveria haver um verbo vindo de duas formas, enquanto os outros dois são formados por uma única. Ainda que você escrevesse os verbos a partir da divisão de um único tipo, eles estariam em discrepância entre si, já que todas as formas do *infectum* são, da mesma maneira, vindas de um verbo, e as formas do *perfectum* são, entre si, vindas de dois, em todas as formas verbais, como estas⁽¹²⁾: *amabar* (eu estava sendo amado), *amor* (sou amado), *amabor* (eu serei amado), *amatus eram* (eu fora amado), *amatus sum* (eu fui amado), *amatus ero* (eu terei sido amado).⁽¹³⁾

No trecho acima, o autor critica o pensamento dos anomalistas que acreditam que não deveria haver uma forma verbal vinda de dois verbos na voz passiva (para a idéia de que ‘eu fui amado’, o verbo *amo* deve se combinar com o verbo *sum*, resultando na forma *amatus sum*). Varrão diz que os que acreditam ser tal forma verbal uma anomalia da língua estão errados, pois certamente há analogia na formação desses verbos: nos tempos do *infectum*, eles são colocados na voz passiva a partir de uma só forma (radical de *infectum*); os tempos do *perfectum* se apresentam na voz passiva com particípio mais verbo *sum* (verbo de ligação ‘ser’, ‘estar’, ‘haver’). Assim, temos o esquema:

Infectum

Tempo	Voz passiva
Imperfeito	Radical de <i>infectum</i> am- + vogal temática -a- + desinência de imperfeito -ba- + desinência de passiva -r = amabar ⁽¹⁴⁾
Presente	Radical de <i>infectum</i> am- + vogal temática -a- ⁽¹⁵⁾ + desinência de passiva -r = amor
Futuro	Radical de <i>infectum</i> am- + vogal temática -a- + desinência de imperfeito -bo- + desinência de passiva -r = amabor

Perfectum

Tempo	Voz passiva
Mais que perfeito	Particípio perfeito amatus ⁽¹⁶⁾ + verbo <i>sum</i> no imperfeito eram = amatus eram
Perfeito	Particípio perfeito amatus + verbo <i>sum</i> no presente sum = amatus sum

Futuro do perfeito	Particípio perfeito <i>amatus</i> + verbo <i>sum</i> no futuro <i>ero</i> = <i>amatus ero</i>
--------------------	---

Embora tenham diferenças de radical nos dois aspectos, no caso de *amo* é fácil perceber que os dois radicais vêm do mesmo verbo. Por mais que sejam diferentes, eles mantêm o início igual: *am* + vogal temática *-a-*. Isso acontece na maioria dos verbos, mas existem alguns que possuem o radical de *perfectum* bem diferente do de *infectum*. Alguns exemplos (radical em negrito):

Primeira pessoa do presente do indicativo ativo (radical de <i>infectum</i>)	Primeira pessoa do perfeito do indicativo ativo (radical de <i>perfectum</i>)
ago ‘eu faço’	egi ‘eu fiz’
dico ‘eu digo’	dixi ‘eu disse’
mitto ‘eu envio’	misi ‘eu enviei’
pergo ‘eu continuo’	perrexi ‘eu continuei’
tango ‘eu toco’	tetigi ‘eu toquei’
fero ‘eu carrego’	tuli ‘eu carreguei’
aufero ‘eu roubo’	abstuli ‘eu roubei’
eo ‘eu vou’	iui / ii ‘eu fui’
sum ‘eu sou’	fui ‘eu fui’ ⁽¹⁷⁾

Varrão não esquece de tais verbos e cita dois deles (*pungo* ‘furar’, ‘atormentar’ e *tundo* ‘esmagar’):

Erram de modo similar os que dizem que convém mudar em todos os verbos as sílabas em uma e outra parte ou em nenhum, como em *pungo* (eu atormento), *pungam* (eu atormentarei), *pupugi*⁽¹⁸⁾ (eu atormentei), *tundo* (eu esmago), *tundam* (eu esmagarei), *tutudi*⁽¹⁹⁾ (eu esmaguei): pois eles reúnem verbos dissimilares do *infectum* com verbos do *perfectum*. Pois se comparassem os não acabados, todas as raízes do verbo pareceriam imutáveis, como em *pungebam*, *pungo*, *pungam* e, por outro lado, mutáveis, se expõem os acabados com *pupugeram* (eu atormentara), *pupugi* (eu atormentei), *pupugero* (terei atormentado).⁽²⁰⁾

Os dois radicais são reconhecidos, portanto, quando se separa os verbos que denotam ações completas (radical: *pung-*; *tund-*) e ações incompletas (radical: *pupug-*; *tutud-*).

Da mesma forma errada reúnem *fui* (eu fui), *sum* (eu sou), *ero* (eu serei), porque *fui* é do *perfectum*, cujas séries são evidentes para si, como deve ser, em todas as partes, porque é *fuera*m (eu fora), *fui* (eu fui), *fuero* (terei sido); no que se refere aos tempos do *inflectum*, que agora é dito *sum*, em certa época era dito *esum*, e em todas as pessoas era evidente, porque era dito *esum*, *es*, *est*, *eram*, *eras*, *erat*, *ero*, *eris*, *erit*; desta forma você verá que os outros verbos deste modo preservam a analogia.⁽²¹⁾

O verbo *sum* é irregular – daí as formas tão diferentes nas conjugações, especialmente as dos tempos presente e futuro:

Imperfeito	Presente	Futuro	Mais que perfeito	Perfeito	Futuro do perfeito
<i>eram</i>	<i>sum</i>	<i>ero</i>	<i>fuera</i> m	<i>fui</i>	<i>fuero</i>
<i>eras</i>	<i>es</i>	<i>eris</i>	<i>fuera</i> s	<i>fuisti</i>	<i>fuertis</i>
<i>erat</i>	<i>est</i>	<i>erit</i>	<i>fuera</i> t	<i>fuit</i>	<i>fuertit</i>
<i>eramus</i>	<i>sumus</i>	<i>erimus</i>	<i>fuera</i> mus	<i>fuimus</i>	<i>fuertimus</i>
<i>eratis</i>	<i>estis</i>	<i>eritis</i>	<i>fuera</i> tis	<i>fuistis</i>	<i>fuertitis</i>
<i>erant</i>	<i>sunt</i>	<i>erunt</i>	<i>fuera</i> nt	<i>fuertunt</i>	<i>fuertint</i>

Mas é possível estabelecer relações entre os dois aspectos, pois, como observa Varrão, a forma *sum* antes era *esum*, formando assim, um radical de *inflectum* semelhante aos três tempos: presente (*esum*, *es*, *est*), imperfeito (*eram*, *eras*, *erat*) e futuro (*ero*, *eris*, *erit*). O mesmo acontece com os três tempos do *perfectum*, cujo radical é *fu-*, no mais que perfeito (*fuera*m etc.), no perfeito (*fui* etc.) e no futuro do perfeito (*fuero*).

Isso se mantém no português, em que o verbo *ser* tem radicais distintos para certos tempos: imperfeito (*era*, *eras* etc.), presente (sou, és etc.), futuro (serei), mais-que-perfeito (fora, foras etc.) e perfeito (*fui*).

O gramático latino observou, ainda, uma espécie de verbos que não possuem formas de *perfectum*. O exemplo é *ferio* ‘bater’.

Portanto, da mesma forma, usam mal o exemplo *ferio* (eu bato), *feriam* (eu baterei), *percussi* (eu bati), porque a ordem^(22.) é *ferio, feriam, feriebam* (eu batia), *percussi, percussero* (eu terei batido), *percusseram* (eu tinha batido).^(23.)

Varrão critica os que usam indevidamente o exemplo de alguns perfeitos irregulares, pois eles são, na verdade, vindos de outros verbos. Na falta de um verbo para expressar o tempo perfeito, usa-se outro. O verbo *ferio* só é encontrado nos tempos do *infectum*. Para expressar a idéia de ‘eu bati’, ‘eu terei batido’ ou ‘eu tinha batido’, usa-se as formas de outro verbo, *percutio*, cujo significado é semelhante (‘bater’, ‘ferir’): *percussi, percussero e percusseram*, respectivamente.

Por outro lado, há verbos que são usados somente no aspecto perfectivo, pois têm significados que denotam ações permanentes. É o caso de *noui* ‘saber’, *cognoui* ‘conhecer’, *odi*, ‘odiar’ e *memini* ‘lembrar-se’. Dois deles aparecem em famosos poemas da literatura lírica latina:

o verbo *noui*, no epigrama 164 de Marcial,

*bella es, nouimus, et puella, uerum est,
et diues, quis enim potest negare?
sed cum te nimium, Fabulla, laudas,
nec diues neque bella nec puella es.*

Por certo, és bela e jovem, bem **sabemos**,
e rica. Quem negá-lo poderia?
Mas se demais tu te louvas, Fabula,
já não és rica, nem bela, nem jovem.
(Tradução: João Ângelo Oliva Neto)^(24.)

e o verbo *odi*, no talvez mais conhecido poema de Catulo, o n.º 85,

*odi et amo. quare id faciam, fortasse requiris.
nescio, sed fieri sentio et excrucior.*

Odeio e amo. Talvez tu me perguntes por que procedo assim.
Não sei, mas sinto isso dentro de mim e me angustio.

(Tradução: Lauto Mistura)⁽²⁵⁾

Pode-se perceber que o sentido é de presente, mas o uso no perfeito indica conseqüência de uma ação que começou no passado e dura até o presente momento. Marcial não usa a forma *noscimus* (presente do indicativo ativo – radical de *infectum*: *nosc-*), mas *nouimus* (perfeito indicativo ativo – radical de *perfectum*: *nou-*). Quer dizer que ‘nós já sabemos que és jovem, bela e rica, pois tomamos conhecimento disso há algum tempo’.

No poema de Catulo, o sentido de presente que permanece é mais nítido, quando o verbo *odi* é colocado ao lado do verbo *amo*. O primeiro é um verbo defectivo que só se encontra no *perfectum*, e o segundo é amplamente usado em todos os tempos existentes. A ação de odiar certamente começou no passado e perdura, ao lado da ação de amar, esta algo bem presente para o eu-lírico.

Ainda sobre os verbos que são encontrados somente em três tempos, Varrão destaca as formas de imperativo. A observação mais interessante sobre tais formas é que elas só podem ocorrer nos tempos do *infectum* porque ninguém pode ordenar algo que já foi feito (uma ação já acabada):

Eles também criticaram, pois, certos verbos que não possuem trios de pessoas nem três tempos: criticaram isto inabilmente, como alguém que critica a natureza porque ela não modelou todos os animais de uma única forma. Pois se a natureza não tem todas as formas de verbos em três tempos e três pessoas, as divisões⁽²⁶⁾ dos verbos não têm precisamente o mesmo número⁽²⁷⁾. Por isso, quando damos uma ordem, é uma forma que na natureza só os tempos do *infectum* têm, já que damos uma ordem para algo que está no presente ou no futuro, existem três formas, como *lege*⁽²⁸⁾ (lê/leia), *legito*⁽²⁹⁾ (que ele leia), *legat*⁽³⁰⁾ (leia): pois ninguém ordena uma coisa já feita. Por outro lado, aquelas que são formas de indicar, como *lego*, *legis*, *legit*, fazem nove formas verbais do *infectum* e nove do *perfectum*.⁽³¹⁾

Nesse trecho encontramos a primeira tentativa de nomear os modos. Varrão insinua essas três *diuisiones*, que entendemos hoje por modos. Nesse caso, *quae sunt indicandi* (aquelas que são formas de indicar) remetem-nos ao modo indicativo, *cum imperamus*, ao modo imperativo. O verbo no modo subjuntivo *legat* não é comentado,

mas aparece na obra de Varrão como uma das formas de se dar ordem ('que ele leia', também traduzido como 'lê!').

O autor enumera, assim, as formas existentes em cada aspecto: no modo indicativo, há nove no *infectum* e nove no *perfectum*, em que três tempos x três pessoas é igual a nove formas.

Varrão reconhece, ainda, a existência das formas de participio que denotam ações feitas com grande frequência. Como exemplo, cita *cantitans*. No trecho abaixo, ele critica os analogistas que acreditam na semelhança entre esses verbos, mas o autor lembra que algumas formas não preservam analogia.

Mas a analogia não é preservada até mesmo naqueles que indicam que **algo é feito com grande frequência**; porque embora haja *cantitans* (que canta, cantante), de *cantare* (cantar), não há *amitans*⁽³²⁾ de *amare* (amar), e muitas outras formas similares. A situação é a mesma nas formas de plural e naquelas de singular: pois são ditos *cantitantes* (os que cantam, cantantes), mas *seditantes* (os que sentam, "sentantes") não são.⁽³³⁾

Um ponto interessante de sua obra é o reconhecimento de prefixos que podem criar novas palavras na língua. O autor exemplifica o processo com o verbo *cedo*. No pretérito perfeito, pode-se acrescentar tais prefixos que dão outro sentido ao verbo:

cedo 'caminhar' – *cessit* 'ele/a caminhou'

verbo + prefixos:

processit 'avançou' e *recessit* 'retrocedeu'

accessit 'aproximou-se' e *abscessit* 'afastou-se'

incessit 'atacou' e *excessit* 'retirou-se'

successit 'sucedeu' e *decessit* 'ausentou-se'

discessit 'separou-se' e *concessit* 'sujeitou-se'⁽³⁴⁾

Segundo Coradini (1999, p. 503), Varrão

argumenta que, com dez prefixos aplicados sobre quinhentas formas secundárias derivadas de cada palavra, segundo a teoria de Coscônio, podem-

(*Ars grammatica scientia est eorum quae a poetis historicis oratoribusque dicuntur ex parte maiore*). (FUNAIOLI, 1907, apud ROBINS, 1983, p. 49, nota 5)

⁹ *Quis est tam tardus qui illas quoque non animadverterit similitudines, quibus utimur in imperando, quibus in optando, quibus in interrogando, quibus in infectis rebus, quibus in perfectis, sic in aliis discriminibus? (De ling. Lat. IX, 32)*

¹⁰ *Nam cum sint verba alia infecta, ut lego et legis, alia perfecta, ut legi et legisti, et debeant sui cuiusque generis in coniungendo copulari, et cum recte sit ideo lego ad legebam, non recte est lego ad legi, quod legi significat quod perfectum: ut haec tutudi pupugi, tundo pungo, tundam pungam, item necatus sum verberatus sum, necor verberor, necabor verberabor, iniuria reprehendant, quod et infecti inter se similia sunt et perfecti inter se, ut tundebam tundo tundam et tutuderam tutudi tutudero; sic amabar amor amabor, et amatus eram amatus sum amatus ero. Itaque inique reprehendunt qui contra analogias dicunt, cur dispariliter in tribus temporibus dicantur quaedam verba, natura cum quadruplex sit analogia.*

¹¹ *Primum quod aiunt analogias non servari in temporibus, cum dicant legi lego legam et sic similiter alia: nam quae sint ut legi rem perfectam significare, duo reliqua lego et legam inchoatam, iniuria reprehendunt: nam ex eodem genere et ex divisione idem verbum, quod sumptum est, per tempora traduci infecti potest, ut discebam disco discam, et eadem perfecti, ut didiceram didici didicero. Ex quo licet scire verborum rationem constare, sed eos, qui trium temporum verba pronuntiare velint, inscienter id facere. (De ling. Lat. IX, 96)*

¹² Os exemplos dados nesse trecho são de verbos na voz passiva. Os três primeiros estão em tempos do *infectum* – *amabar* (imperfeito); *amor* (presente) e *amabor* (futuro) – e os outros três em tempos do *perfectum* – *amatus eram* (mais que perfeito); *amatus sum* (perfeito) e *amatus ero* (futuro do perfeito).

¹³ *item illos qui reprehendunt, quod dicamus amor amabor amatus sum: non enim debuisse in una serie unum verbum esse duplex, cum duo simplicia essent. Neque ex divisione si unius modi ponas verba, discrepant inter se: nam infecta omnia simplicia similia sunt, et perfecta duplicia inter se paria in omnibus verbis, ut haec amabar amor amabor, amatus eram amatus sum amatus ero. (De ling. Lat. IX, 97)*

¹⁴ Varrão apresenta, nesses exemplos, somente a primeira pessoa do singular. Para as outras pessoas, temos: imperfeito (*amabaris / -re, amabatur, amabamur, amabamini, amabantur*); presente (*amaris /-re, amatur, amamur, amamini, amantur*); futuro (*amaberis /-re, amabitur, amabimur, amabimini, amabuntur*).

¹⁵ A vogal temática *-a-* aparece em todas as pessoas, menos na primeira, por mudança histórica.

¹⁶ A forma *amatus* é masculina. Há formas para os outros dois gêneros: *amata* (feminino) e *amatum* (neutro). Para dizer eu fui amada, deve-se usar ‘*amata sum*’. Isso funciona também para os tempos perfeito e futuro do perfeito.

¹⁷ Os últimos quatro exemplos são verbos irregulares e, além dos radicais de aspecto diferentes, possuem formas anômalas na sua conjugação de presente: (*ad*)*fero, fers, fert, ferimus, fertis, ferunt; aufero, aufers, aufert, auferimus, aufertis, auferunt; eo, is, it, imus, itis, eunt; sum, es, est, sumus, estis, sunt.*

¹⁸ Forma de perfeito em que há redobro de fonemas (alguns verbos repetem a sílaba inicial quando no perfeito).

¹⁹ Idem.

²⁰ *Similiter errant qui dicunt ex utraque parte verba omnia commutare syllabas oportere aut nullum, in his pungo pungam pupugi, tundo tundam tutudi: dissimilia enim*

conferunt, verba infecti cum perfectis. Quod si infecta modo conferrent, omnia verbi principia incommutabilia viderentur, ut in his pungebam pungo pungam et contra ex utraque parte commutabilia, si perfecta ponerent, ut pupugeram pupugi pupugero. (De ling. Lat. IX, 99)

²¹ *Item male conferunt fui sum ero, quod fui est perfectum, cuius series sibi, ut debet, in omnibus partibus constat, quod est fueram fui fuero; de infectis sum quod nunc dicitur olim dicebatur esum et in omnibus personis constabat, quod dicebatur esum es est, eram eras erat, ero eris erit; sic huiusce modi cetera servare analogiam videbis. (De ling. Lat. IX, 100)*

²² A palavra *ordo*, no *De Lingua Latina*, designa as colunas e linhas de formas gramaticais em uma matriz morfológica e está mais próxima da relação com a categoria gramatical de número.

²³ *Quare item male dicunt ferio feriam percussi, quod est ordo ferio feriam feriebam, percussi percussero percusseram. Sic deinceps in reliquis temporibus reprehendenti responderi potest. (De ling. Lat. IX, 98)*

²⁴ In: NOVAK & NERI (orgs.), 1992, p. 273.

²⁵ *ibid.*, p. 85.

²⁶ A palavra *diuisiones* corresponde aos modos verbais.

²⁷ Ou seja, três.

²⁸ Imperativo presente.

²⁹ Imperativo futuro.

³⁰ Presente do subjuntivo.

³¹ *Etiam in hoc reprehendunt, quod quaedam verba neque personas habent ternas neque tempora terna: id imperite reprehendunt, ut si quis reprehendat naturam, quod non unius modi finxerit animalis omnis. Si enim natura non omnes formae verborum terna habent tempora, ternas personas, non habent totidem verborum divisiones. Quare cum imperamus, natura quod infecta verba solum habent, cum aut praesenti aut absentia imperamus, fiunt terna, ut lege legito legat: perfectum enim imperat nemo. Contra quae sunt indicandi, ut lego legis legit, novena fiunt verba infecti, novena perfecti. (De ling. Lat. IX, 100)*

³² Pois há *amans* designando “que ama, amante”.

³³ *Ne in his quidem, quae saepius quid fieri ostendunt, servatur analogia: nam ut est a cantando cantitans, ab amando amitans non est et sic multa. Ut in his singularibus, sic in multitudinis: sicut enim cantitantes seditantes non dicuntur. (De ling. Lat. VIII, 60)*

³⁴ *A quibus iisdem principiis antepositis praeverbis paucis immanis verborum accedit numerus, quod praeverbis inmutatis additis atque commutatis aliud atque aliud fit: ut enim et processit, et recessit, sic accessit et abscessit; item incessit et excessit, sic successit et decessit, discessit et concessit. (De ling. Lat. VI, 38)*

³⁵ *Quod si haec decem sola praeverbia essent, quoniam ab uno verbo declinationum quingenta discrimina fierent, his decemplicatis coniuncto praeverbio ex uno quinque milia numero efficerentur, ex mille ad quinquagies centum milia discrimina fieri possunt. (De ling. Lat. VI, 38)*

REFERÊNCIAS

CHAPANKSI, G. *Uma tradução da TÉKHNE GRAMMATIKĒ, de Dionísio Trácio, para o português*. Dissertação de Mestrado: UFPR, 2003.

CORADINI, H. *Metalinguagem na obra De Lingua Latina de Marcos Terêncio Varrão*. Tese de doutorado. São Paulo: USP-FFLCH-DLCV, 1999.

DAVID, S. M. *A categoria de aspecto na conjugação do verbo latino*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/anais/anais%20III%20CNLF30.html>>. Acesso em 23.07.08.

NERI, M. L.; NOVAK, M. da G. (orgs.). *Poesia lírica latina*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ROBINS, R. H. *Pequena história da lingüística*. Trad.: Luiz Martins Monteiro. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.

VALENZA, G. M. *Os argumentos de analogistas e anomalistas na obra De Lingua Latina de Varrão: tradução e análise de excertos*. Monografia de Conclusão de Curso: UFPR, 2006.

VARRO. *On the latin language: books V-VII*. Trad. Roland G. Kent. Harvard University Press: London, 1999.

_____. *On the latin language: books VIII-X*. Trad. Roland G. Kent. Harvard University Press: London, 1999.

WEEDWOOD, B. *História concisa da lingüística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.